



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MARILENE DA SILVA BATISTA FREIRE

**A AUTOESTIMA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E
SUA RELAÇÃO COM O APRENDIZADO DOS ALUNOS**

**GUARABIRA – PB
2016**

MARILENE DA SILVA BATISTA FREIRE

**A AUTOESTIMA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E
SUA RELAÇÃO COM O APRENDIZADO DOS ALUNOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Verônica Pessoa da Silva

**GUARABIRA – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F866a Freire, Marilene da Silva Batista
A autoestima dos professores de língua portuguesa e sua
relação com o aprendizado dos alunos. [manuscrito] / Marilene da
Silva Batista. - 2016.
47 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva,
Departamento de Letras".

1. Autoestima. 2. Formação docente. 3. Ensino de Língua
Portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD 371.1

MARILENE DA SILVA BATISTA

**A AUTOESTIMA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E
SUA RELAÇÃO COM O APRENDIZADO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de graduada em Letras.

Aprovada em: / /

Verônica Pessoa da Silva

Profª Drª. Verônica Pessoa da Silva
(Orientadora)

Rônia Galdino da Costa

Prof. Especialista Rônia Galdino da Costa / UEPB
(Examinadora)

Edilma de Lucena Catanduba

Profª Drª Edilma de Lucena Catanduba / UEPB
(Examinadora)

Ao meu grandioso Deus, que me concedeu dom e a capacidade para concluir este Curso e, aos meus pais, pessoas de grande importância em minha vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, por ter me proporcionado esta vitória e, por estar comigo, em todos os momentos;

E aos meus pais: **Alúcio e a Maria Antônia** que acreditaram e me apoiaram nos momentos nos quais precisei;

A minha irmã **Neide** e aos amigos Dona **Alcione Beltrão** (Prefeita do município de Alagoinha), **Rute Carla** (Secretária da Educação), **Ana Cristina, Silmara, a Filipe, Maria** e, especialmente, a minha tia **Luzia** e a minha orientadora Profª Drª. Verônica Pessoa da Silva

Enfim, a **todos da família e fora dela** que contribuíram, direta e indiretamente, para que eu chegasse à conclusão deste Curso;

Ao meu marido: **Francisco**, pela força, dedicação e carinho que me proporcionaram nesta trajetória;

Por fim, manifesto aqui minha gratidão a todos e que DEUS os abençoe, durante toda vida.

A maior contribuição que os professores podem dar a um aluno é recusarem-se a aceitar sem questionamento o seu baixo autoconceito. Um professor que tem autoestima saudável, faz isso com facilidade, enquanto que o professor que tem baixa autoestima, que não, se aceita, não conseguirá comunicar com sucesso a autoaceitação. Terá dificuldade de convencer os alunos quanto ao valor da responsabilidade pessoal, não inspirará a prática de autoafirmação nos alunos. “Se o objetivo do professor é nutrir a autoestima naqueles que foram confiados a seus cuidados... ele deve começar trabalhando consigo mesmo”. (FERNÁNDEZ, 1991, p. 283).

RESUMO

Este estudo apresenta reflexões sobre a importância da autoestima tanto na visão geral dos sujeitos enquanto seres humanos, quanto na busca de uma percepção clara sobre a relação entre autoestima e aprendizagem, visto que foca no perfil dos professores que atuam, especialmente, no contexto da escola pública. Surge de minhas inquietações enquanto estudante do Curso de Letras da UEPB, a partir dos estudos, vivências e observações do componente Estágio I. Se estrutura nos moldes da abordagem qualitativa, com a finalidade de identificar a auto estima dos professores de Língua Portuguesa e sua relação com o aprendizado, optou-se por utilizar dois procedimentos de pesquisa, a bibliográfica e a de campo. Na realização de campo, aplicamos o questionário junto a vinte (20) professores que atuam na área de Língua Portuguesa. A maioria deles integra várias escolas na rede pública de ensino, na esfera municipal. Porém, também incorporamos ao grupo um professor da rede privada e outro da rede estadual de ensino. Os professores entrevistados foram informados sobre a natureza do estudo, seus objetivos e a forma de interpretação dos dados. O resultado deste mapeamento subsidiou nossa base de análise acerca da importância da autoestima do professor de Língua Portuguesa. Os resultados evidenciam que a autoestima do educador precisa ser estimulada, principalmente no espaço da escola onde atua para que este consiga acompanhar melhor seus alunos. Os professores que têm uma boa auto estima relacionam-se bem com seus alunos, enquanto os que têm baixa-estima não conseguem se relacionar afetivamente com seus alunos. Neste sentido, é preciso desenvolver um sistema de educação que ajude no desenvolvimento integral do ser humano, que cumpra com sua função de ensinar e transmitir conhecimento.

Palavras-Chave: Autoestima. Formação Docente. Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This study presents reflections on the importance of self-esteem in both the overview of the subjects as human beings, as in the search for a clear understanding of the relationship between self-esteem and learning, as it focuses on the profile of teachers who work, especially in the school context public. Arises from my concerns as a student of Literature Course of UEPB, from the studies, experiences and observations component of Stage I. If structure along the lines of qualitative approach in order to identify the self esteem of English language teachers and their relationship with learning, it was decided to use two research procedures, the literature and the field. In carrying out field, we apply the questionnaire to twenty (20) teachers working in the field of Portuguese. Most of them includes several schools in the public school system, at the municipal level. But also incorporate the group a teacher's private network and other state schools. The interviewed teachers were informed about the nature of the study, its objectives and how to interpret the data. The result of this mapping subsidized our analysis based on the importance of language teacher self-esteem Portuguesa. Os results show that the self-esteem of the teacher needs to be encouraged, especially in the school environment in which it operates so that it can better track their students. Teachers who have a good self esteem relate well with their students, while those with low self-esteem can not relate emotionally with their students. In this sense, it is necessary to develop an education system that helps in the integral development of the human being, which fulfills its function of teaching and transmitting knowledge.

Keywords: Self-esteem. Teacher Training. English Language Teaching

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Idade dos professores entrevistados.....	32
GRÁFICO 2: Identificação dos professores quanto ao gênero.....	32
GRÁFICO 3: Classificação dos professores quanto ao estado civil.....	33
GRÁFICO 4: Escola em que os professores estudaram.....	33
GRÁFICO 5: Identificação dos professores quanto a classe social.....	34
GRÁFICO 6: Identificação quanto a religiosidade.....	34
GRÁFICO 7: Avaliação dos professores quanto ao seu perfil de estudantes.....	00
GRÁFICO 8: Percepção dos professores quanto a sua valorização.....	00
GRÁFICO 9: Sentimento de valorização em relação aos outros.....	00
GRÁFICO 10: Relação entre a autoestima e fracasso.....	00
GRÁFICO 11: Potencial dos professores em relação aos outros.....	00
GRÁFICO 12: Professores que têm orgulho de si mesmo.....	00
GRÁFICO 13: Satisfação sobre si mesmo.....	00
GRÁFICO 14: Respeito sobre si mesmo.....	00
GRÁFICO 15: Sentimento de utilidade.....	00
GRÁFICO 16: Às vezes acho que não presto para nada.....	00

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Eu me vejo como alguém.....	00
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO.....	13
2 A AUTOESTIMA EM DISCUSSÃO.....	16
2.1 A diferença entre autoestima, auto imagem e auto conceito.....	17
2.2 A importância da autoestima no contexto social.....	21
3. AS CONSEQUÊNCIAS DA BAIXA AUTOESTIMA.....	24
4 AUTO ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	25
4.1 A autoestima no contexto escolar.....	27
5. METODOLOGIA.....	30
5.1 Perfil dos entrevistados.....	30
6. ANÁLISES E RESULTADOS.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	45

1 INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem como parâmetro o estudo sobre a importância da autoestima dos professores de Português, investigando também quais as relações que a mesma tem com o processo ensino e aprendizagem.

As pessoas com problemas de autoestima sentem-se ameaçadas com a perda da atenção do outro ou de sua não admiração. O problema da falta ou da baixa de autoestima impede o crescimento pessoal e profissional do indivíduo. É preciso um motivo para crescer na perspectiva afetiva e cognitiva. Um motivo para aprender, um movimento interno, uma estima pessoal capaz de criar metas e gerar um desejo onde não existia.

Contudo, essa não é só uma questão dos alunos, mas é, também, dos professores que precisam encontrar o fio que os conduz para os níveis desejados de satisfação pessoal e profissional, a razão que motiva a busca do conhecimento. Encontrar a razão pelo que se aprende e as consequências deste aprender, requer o amadurecimento psíquico e social.

Nos últimos quarenta anos o professor vem sofrendo impactos desafiadores para a manutenção de sua autoestima e de sua saúde. No entanto, ter autoestima saudável não significa repetir a todo o momento que se é bom ou o melhor de todos. Ao contrário, esse comportamento revela uma tentativa de acreditar no que se diz e é um sintoma de quem se apoia na ilusão de um autorespeito e de uma autoeficiência sem base na realidade, fato que caracteriza certo tipo de autodefesa para que não se tenha de encarar as próprias fragilidades.

Na sociedade em que vivemos e, principalmente, no contexto escolar, a autoestima tem sido amplamente discutida. Investiga-se novas maneiras de educar para a cidadania e auxiliar no desenvolvimento e crescimento intelectual.

É por meio de nossa identidade que nos percebemos, nos vemos e queremos ser vistos. A identidade profissional é uma construção do profissional que somos, evolui ao longo da nossa carreira e pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos.

A identidade profissional dos professores o comprometimento pessoal a disposição para aprender a ensinar as crenças, os valores e o conhecimento sobre a matéria que lecionam, bem como saber lidar com as experiências passadas e com a

vulnerabilidade profissional, mostra que a autoestima é uma construção, uma conquista, a partir de uma história preexistente, uma história identificatória.

A autoestima na perspectiva do aluno, vemos que para aprender é preciso aceitar a presença do outro, desenvolver vínculos não fixados em imagens narcísicas que fragilizam e empobrecem o EU, a representação de si mesmo. Para aprender são importantes a dependência, o pertencimento, o reconhecimento das diferenças e semelhanças nas circunstâncias educativas formais e informais.

Os alicerces da autoestima são lançados no início da vida, no contato direto com os pais e com as pessoas que convivemos, pois é nas interações que a criança adquire o amor próprio e aprende a gostar de si, ou não. A autoestima é a capacidade de pensar e enfrentar desafios básicos da vida é o direito de ser feliz que garante ao ser humano um bom equilíbrio emocional.

Diante destas questões, optamos em realizar uma pesquisa bibliográfica e de campo, aprofundando os conhecimentos sobre o desenvolvimento da autoestima, sua importância e influências no contexto escolar dos alunos, e professores de Língua Portuguesa, a relação do educador com o educando neste processo de formação.

O presente trabalho monográfico estruturou-se da seguinte forma: O primeiro capítulo - A auto estima em discussão busca conceituar a auto estima de uma forma ampla, baseando-se nos teóricos estudados como Maia (2005) e Zanelli (2015), entre outros. A partir daí vemos surgir outras definições ligadas a auto estima, como auto imagem e auto conceito, o seguinte tópico procura diferenciar cada um deles; A importância da auto estima no contexto social é o segundo capítulo que relata o quanto as pessoas tendem a viverem do que a sociedade impõe para elas, a auto estima na maioria das vezes é gerada em cima da aceitação que uma pessoa tem diante da sociedade. O terceiro capítulo trata das consequências da baixa auto estima, abrindo possibilidades de análises para o campo da educação. O quarto tópico, trata da autoestima na formação do professor e no contexto escolar é essencial para que ele tenha segurança em sua sala de aula, uma vez que contribui de forma significativa na relação professor aluno e no aprendizado do mesmo, sendo a autoestima do professor uma grande influenciadora sobre a vida acadêmica dos seus alunos. E por fim apresentamos no quinto tópico as análises e resultados sobre a autoestima na visão dos Professores de Língua Portuguesa, perfil dos Professores entrevistados e posicionamento dos mesmos sobre sua auto estima enquanto

Professor de Língua Portuguesa. Ao final, extraímos as considerações finais com as reflexões feitas nesse processo.

2 A AUTO ESTIMA EM DISCUSSÃO

A autoestima é a competência que o ser humano tem de amar a si próprio, apreciar-se e gostar de si mesmo. É a imagem que cada um faz de si, independente do que os outros veem. É o direito de expressar nossos desejos e de desfrutar dos resultados de nossos esforços. (SCHMITZ, 2004)

Por outras palavras, a autoestima é um sentimento valorativo do conjunto das nossas características corporais (físicas), mentais e espirituais que formam a personalidade. Esse sentimento pode mudar/evoluir com o tempo. A partir dos cinco ou dos seis anos de idade, a criança começa a ter noção de como é vista pelos outros.

A autoestima é importante porque é nosso modo de ser, que nos faz perceber e nos avaliar modelando nossa vida. Uma pessoa que não confia em si mesma, nem nas próprias possibilidades não será uma pessoa realizada e feliz.

De acordo com Schmitz (2004) a autoestima assenta-se em 3 pilares fundamentais: gostar de si mesmo, que significa respeitar-se a si próprio; Acreditar nas suas capacidades, que é imagem que cada um faz de si e Autoconfiança que refere-se ao sentimento de competência pessoal, pensar que somos capazes de agir em todas as situações, sem nos preocuparmos com os juízos dos outros. Portanto, podemos sintetizar a autoestima, como sendo o modo como nos vemos a nós próprios, mas enquanto ser humanos, possamos não gostar do que vemos.

Os estudos sobre autoestima apontam em sua extensa maioria para influências presentes em nossa infância (ROSENBERG, 1983 e COOPERSMITH, 1967).

GOBITTA & CUZZO (2002), que realizaram um amplo estudo sobre autoestima, aponta como fatores importantes nesta construção:

O valor que a criança percebe dos outros em direção a si, expresso em afeto, elogios e atenção; a experiência da criança com sucessos ou fracassos; a definição individual da criança de sucesso e fracasso, as aspirações e exigências que a pessoa coloca a si mesma para determinar o que constitui sucesso; e, a forma da criança reagir a críticas ou comentários negativos. (GOBITTA & GUZZO, 2002, p. 24)

Segundo Maia (2005) podemos de forma mais abrangente apontar situações que, quando presentes na vida de uma pessoa, são precipitadoras e/ou

mantenedoras de uma baixa autoestima, tais como: críticas, rejeições, humilhações, abandono, desvalorizações e perdas. Importante frisar que a construção dessa percepção negativa de si mesmo é resultado de interações sociais (familiares, escolares, profissionais, entre outras). Nelas, a pessoa vivencia situações onde é colocada numa posição de sentir-se inferiorizada e de menor valia.

Ainda conforme Schmitz (2004), a autoestima é uma necessidade do próprio ser humano onde sente-se fortalecido, merecedor da felicidade e do sucesso. Ela é a mola propulsora que nos faz vencer os desafios e construir um mundo mais tranquilo. É uma conquista que é produzida no decorrer da vida, de acordo com as relações, nas quais o sujeito se sente amado e realizado, garantindo assim, um bom equilíbrio emocional.

Segundo Maia (2005) a autoestima está relacionada com muitas formas de conduta. As pessoas com uma autoestima elevada costumam apresentar menos emoções agressivas, negativas e menos depressão que as pessoas com uma autoestima baixa.

Maia (2005) nos diz que de modo similar as pessoas com uma autoestima elevada costumam manejar melhor o estresse, quando são expostas ao mesmo, experimentam menos efeitos negativos na saúde.

A época importante para o desenvolvimento da autoestima é a infância intermediária. A criança, aqui, compara seu eu real com seu eu ideal e julga a si mesma pela maneira como alcança os padrões sociais, formado em si mesmo e de que tão bem se desempenha.

Capelas (2014) diz que a autoestima é o conceito que temos de nossa avaliação e se baseia em todos os pensamentos, sentimentos, sensações e experiências que sobre nós mesmos temos recolhido durante nossa vida; cremos que somos expertos ou bobos, nos gostamos ou não. As melhores impressões, avaliações e experiências assim reunidas se juntam em um sentimento positivo sobre nós mesmos ou, pelo contrário, em um incômodo sentimento de não ser o que esperávamos.

2.1 A diferença entre autoestima, autoimagem e autoconceito

Conforme Zanelli (2015) o autoconceito é composto por três fatores: cognitivo - características que a pessoa vê quando olha pra si; afetivo - afetos, emoções e avaliações; comportamental - a forma de se comportar e perceber o mundo.

Na infância, o ser humano, começa a falar acerca dos seus sentimentos, e isso faz com que seja possível verificar seus julgamentos mais claramente. À medida que a criança se movimenta e frequenta ambientes distintos (principalmente a escola), suas experiências sociais ampliam-se e ela passa a compreender melhor os tipos de relações.

A autoestima é um dos constituintes do autoconceito mais importantes, sendo entendida como o processo de avaliação que o indivíduo faz das suas qualidades e dos seus desempenhos. A autoestima é um conjunto de opiniões e sentimentos que uma pessoa tem sobre si. Pessoas que gostam de si mesmas e respeitam a sua própria vontade são, em geral, também respeitadas pelos demais.

Zanelli (2015) diz que a autoimagem e a autoestima se transformam em todas as pessoas devido ao processo de crescimento e cada fase da vida acrescenta alguma coisa nova. Entretanto, os traumas ou autoestima baixa podem impedir que o indivíduo progrida. É possível que uma pessoa com baixa autoestima não tenha uma opinião muito favorável acerca de si mesma e não se sinta digna de respeito ou amor, por medo de sentir-se rejeitado pelas pessoas.

Sendo assim, a autoestima apresenta-se de três formas: passividade - a pessoa não se impõe e aceita ser manipulada pelos outros; agressividade passiva - emitir comportamentos contrários à sua real vontade; agressividade - ameaça as pessoas para conseguir o que quer.

Autoestima tem origem no autoconceito – a imagem e a percepção que temos de nós mesmos – e está associada tanto a aspectos da personalidade como a influências ambientais. Ter uma autoestima elevada transmite confiança e gera motivação e empenho para o alcance de objetivos. Por outro lado, ter a autoestima rebaixada pode acarretar em situações de risco e desmotivação para os estudos.

Assim, o modo como uma pessoa trata a si mesma reflete em todas as suas relações e serve como modelo para tratar as pessoas com quem convive. Isso precisa ser transmitido para nossos descendentes desde cedo, afinal, é a partir desse conceito pessoal que nos posicionamos em todas as áreas da vida e ele pode influenciar desde nossas escolhas profissionais até nossas ambições e sonhos.

Antunes (2008) explicam que o autoconceito estruturado é produto de uma autoimagem e uma autoestima bem estruturadas, as quais são formadas na interação com o social, estando relacionadas.

Goñi e Fernández (2009) expõem as diferenças entre autoconceito e autoestima.

[...] o autoconceito faz referência a ideia que cada pessoa tem de si mesma, enquanto que a autoestima alude ao apreço (estima, amor) que cada qual sente por si mesmo; o primeiro termo faz referência à dimensão cognitiva ou perceptiva e o segundo à vertente avaliativa ou afetiva. (GOÑI E FERNÁNDEZ, 2009, p. 28

Neste sentido, percebe-se que estes termos estão relacionados entre si, e também com o termo autoimagem, que, segundo Mosquera e Stobäus (2008, p. 116), serve como base para a autoestima, visto que “reside no conhecimento individual de si mesmo e no desenvolvimento das próprias potencialidades, na percepção dos sentimentos, atitudes e ideias que se referem à dinâmica pessoal”.

Os autores dizem que a autoestima é um dos principais construtos da personalidade, que está alicerçada na imagem (o mais real possível) que a pessoa tem de si mesma, que é construída com base no que os outros comentam em como a veem, como a pessoa se sente e percebe (como realmente é), aceitando ou rejeitando estas informações (quanto mais real, mais seria positivo, quanto mais irreal, mais distorcido).

Mosquera, Stobäus, Jesus e Hermínio (2006, p. 4) diferencia a autoimagem da autoestima ao considerar a primeira como o “(re)conhecimento que fazemos de nós mesmos, como sentimos nossas potencialidades, sentimentos, atitudes e ideias”, e a segunda como o “quanto gostamos de nós mesmos, nos apreciamos”.

Ademais Mosquera, Stobäus, Jesus e Hermínio (2006, p. 53- 54) salienta que a autoimagem e a autoestima estão intimamente ligadas ao processo de identidade e que, de certa maneira, formam uma estrutura personalógica que se interinfluencia, o que ajuda o indivíduo a ter coerência e consistência pessoais. A partir disso, a pessoa constrói um marco interpretativo próprio, ao longo de todo seu desenvolvimento, que permite que a autoestima não se modifique a cada opinião alheia, mas pode modificar-se quando necessário. Mosquera, Stobäus, Jesus e Hermínio (2006), apresentam traços do que poderiam considerar como uma autoestima mais real e positiva: ser seguro e confiar em si mesmo, buscar

momentos de felicidade, reconhecer suas qualidades/defeitos, não se considerar superior (nem inferior) aos demais, ser flexível, aberto e compreensivo, ter capacidade de superar seus fracassos, saber estabelecer relações saudáveis com os demais, ser crítico, construtivo e coerente consigo e com os outros.

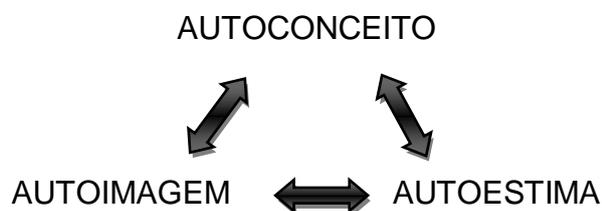
Os autores destacam que, ao possuímos uma autoimagem e uma autoestima mais positivas/reais, favorecemos nossas relações interpessoais, pois nos conhecemos melhor e gostamos mais de nós mesmos e conseguimos entender e gostar dos outros, tornando-nos pessoas mais afetuosas e respeitadoras das individualidades e diferenças. Neste sentido, o desenvolvimento de uma real e coerente autoimagem e autoestima é de fundamental importância para que alguém possa se relacionar com os demais na sociedade.

Zacharias (2012) destaca que o autoconceito relaciona-se com a percepção que a pessoa tem de si, sendo esta proveniente de interações entre o sujeito e o seu meio social. Ademais, o autoconceito contém um caráter descritivo, relacionado à autoimagem, e um avaliativo, que diz respeito à autoestima. Portanto, a autoimagem é uma descrição que a pessoa faz de si, a forma como ela se vê, estando esta percepção também relacionada ao modo como os outros a percebem. Por seu turno, a autoestima é uma avaliação que o sujeito faz de si, estando esta valoração relacionada também com o modo como os outros o avaliam.

Desse modo, Mosquera, Stobäus, Jesus e Hermínio (2006) colocam que faz-se necessário desenvolver aspectos positivos e realistas relacionados à autoimagem e à autoestima nos ambientes escolares, já que estes contextos influenciam no desenvolvimento dos sujeitos.

Desta compreensão, elaboramos um esquema que pode elucidar a relação entre autoconceito (AC), autoimagem (AI) e autoestima (AE), conforme apresentamos a seguir:

Esquema 1 – Relação entre autoconceito, autoimagem e autoestima



Fonte: Zacharias (2012)

Dependendo de como o professor percebe-se, avalia suas experiências pessoais e profissionais e entende seu contexto educativo, pode ter perspectivas positivas (ou negativas) acerca de si mesmo e o reconhecimento de seu trabalho.

Por isto, compreendemos que o docente que possui ele mesmo uma autoimagem e autoestima bem realista e positiva, conseguindo desenvolver melhor seu autoconceito, pode proporcionar também a construção de relações interpessoais saudáveis na aula/escola, e contribuir para criar condições favoráveis aos processos de ensino e de aprendizagem.

2.2 A importância da autoestima no contexto social

Há duas tendências muito fortes no ser humano: uma para buscar a autonomia, a independência; e outra para fazer parte e pertencer a uma unidade maior.

Segundo Capelas (2014) essa unidade maior pode ser definida como a família, a nação, uma ideologia, ou seja, um universo maior que tenha um significado importante. Dessa forma, o indivíduo se desenvolve, ultrapassa sua individualidade e busca a integração com os outros.

Desse modo, para se desenvolver de forma equilibrada a pessoa precisa se comprometer, se adaptar, ceder. Tudo isso não é muito fácil, pois sempre haverá conflitos entre o eu e o outro, entre o querer tudo para si e precisar fazer algo para o outro. A vida em sociedade fica mais fácil quando entendemos que dependemos uns dos outros para viver melhor, e que juntos somos mais fortes (CAPELAS, 2014)

Os seres humanos não vivem juntos apenas por escolha, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade. Se alguém, por livre vontade, se isolasse numa ilha, com todos os recursos para sobrevivência, em pouco tempo sentiria falta de companhia e sofreria com a solidão, por não ter com quem compartilhar ideias, dar e receber afeto. Poderia até mesmo enlouquecer. Portanto, as pessoas satisfazem suas próprias necessidades vivendo em sociedade.

Para Furtado (2010) quando a autoestima, a visão que a pessoa tem de si mesma é positiva, o relacionamento em sociedade torna-se mais fácil, mais

saudável e mais satisfatório. O inverso também é verdadeiro, isto é, um bom relacionamento social alimenta a autoestima positiva.

Assim, para manter um bom relacionamento com as outras pessoas são necessárias algumas condições básicas: sermos autônomos, assertivos, confiantes e termos autoestima elevada. Sem essas condições, atribuiremos aos outros a causa das dúvidas, fraquezas, incertezas e desconfianças que temos a respeito de nós mesmos.

De acordo com Schmitz (2004) a autoestima é uma necessidade do próprio ser humano que o mesmo sinte-se fortalecido, merecedor da felicidade e do sucesso. Ela é a mola propulsora que nos faz vencer os desafios e construir um mundo mais tranquilo. É uma conquista que é produzida no decorrer da vida, de acordo com as relações, em que o sujeito se sente amado e realizado, garantindo, assim, um bom equilíbrio emocional.

Por isso, a autoestima é apropriada e unida a um conceito positivo, que potencializa a capacidade que o ser humano tem para desenvolver suas habilidades e o nível de segurança pessoal, enquanto que a baixa autoestima fará maior destaque com referência aos fracassos e derrotas. (SCHMITZ, 2004)

Neste sentido, uma pessoa com elevada autoestima se relaciona bem, trata os outros com amor e generosidade, enquanto que os que têm baixa autoestima não tem amor próprio, têm pouca ou nenhuma capacidade de amar os outros, são inseguros, o que dificulta uma relação saudável com o meio onde estão inseridos.

Conforme Schmitz (2004) os alicerces da autoestima são difundidos no início da vida do ser humano, as crianças adquirem o seu amor próprio através das relações que estabelecem com as pessoas no seu cotidiano. Sendo assim, é importante as famílias favorecerem condições de as crianças formarem um bom conceito de autoestima, através da valoração e autorespeito.

As experiências positivas com a vida, ou seja, a qualidade das relações estabelecidas entre o indivíduo e aqueles que desempenham papéis importantes, são determinante na autoestima. Então, o afeto é de importante valia para o desenvolvimento da autoestima. (FURTADO, 2010)

Por isso, a pessoa vai crescendo e formando sua personalidade através da atmosfera familiar e grupal em que está inserida. Também incorpora valores, regras, costumes, crenças, etc. que são incutidos no seu interior e são essas experiências que vão resultar naquilo que somos.

A personalidade do ser humano não é formada só pela família, mas também pela influência da sociedade, principalmente quando acredita no que os outros pensam sobre ela.

3. AS CONSEQUÊNCIAS DA BAIXA AUTO ESTIMA

De acordo com Fernandes (2008), a autoestima é composta por três ingredientes primordiais: amor próprio, autoimagem e autoconfiança.

Assim, quando a pessoa, não se ama, se sujeita a qualquer tipo de relação para ter alguém ao seu lado, tornando-se dependente de relações destrutivas e não conseguindo forças para sair delas. Vale lembrar que esse processo acontece inconscientemente. A pessoa não tem consciência do por que está agindo desta forma, apenas sente o sofrimento que pode se expressar em forma de angústia, dor no peito, choro, pesadelos, vazio, agressividade, depressão, punição, doenças. (GALLEGO, 2012)

Assim, se um indivíduo se sente inseguro para enfrentar os problemas que surgem em sua vida, ou lhe falta autoconfiança ou confiança em suas próprias ideias, este indivíduo tem uma autoestima baixa. Ou, então, se lhe falta respeito por si mesmo, se desvaloriza e não se sente merecedor de amor e respeito por parte dos outros, se acha sem ter direito à felicidade. (MAINARD, 2008).

Desta maneira, quando a autoestima está baixa, a pessoa se sente inadequada, insegura, com dúvidas, incerta do que realmente é, com um sentimento vago de não ser capaz. Não acredita ser capaz de ter alguém que a ame, de fazer aquilo que quer, de se cuidar, desenvolvendo assim um sentimento de insegurança muito profundo, desistindo facilmente de tudo que começa.

Com isso, “A tragédia é que, existem muitas pessoas que procuram a autoconfiança e autoestima em todos os lugares, menos dentro delas mesmas, pois a autoestima é uma conquista espiritual” (BRANDEN, 1996, p.13).

No entanto, esta busca deve se constituir em um processo permanente, a ser cultivado, constantemente. Na juventude, sobretudo, as pessoas podem alimentar ou prejudicar a confiança e o respeito do jovem por si mesmo, se o respeitam ou não, se o amam ou não, se o valorizam ou não e o estimulam ou não a ter confiança em si. (COUTINHO, 2009).

4 AUTO ESTIMA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Segundo Porto e Castelo (2009) a importância do professor na formação e no desenvolvimento do ser humano, desde a Educação Infantil até a universitária é, sem dúvida, um dos principais pilares para que o ser humano possa entender o mundo e dele participar como sujeitos competentes.

A influência do professor ultrapassa os limites da formação acadêmica e está presente na relação professor-aluno, no modo como trata os alunos, na maneira de projetar neles uma visão positiva de seu potencial, na profunda confiança, no modo como age para não ridicularizá-los, para não humilhá-los, enfim, como age para levar em conta sua dignidade como ser humano.

Todas as pessoas trazem grandes marcas e lembranças positivas de seus professores e sua influência não se limita à formação acadêmica, pois intervém de forma direta e determinante na formação do caráter e da personalidade da criança e conseqüentemente, do futuro adulto. (VOLI, 2002, p.52).

Por isso, a autoestima fortalece e motiva. Quanto maior a nossa autoestima, mais queremos crescer, não necessariamente no sentido profissional ou financeiro, mas dentro daquilo que esperamos viver durante nossa vida, nas dimensões do emocional, do criativo e do espiritual. Ao contrário, quanto mais baixa nossa autoestima, menos desejamos fazer por nós mesmos e é provável que menos possamos realizar.

De acordo com Furtado (2010) outro fator de extrema importância para a construção da identidade e, conseqüentemente, autoestima do docente é sua relação cultural com os alunos, a qual deve ser embasada dentro dos pressupostos da aprendizagem significativa e não mecanicista. Isso quer dizer que ambos, alunos e professores, precisam interagir a partir de uma mesma cultura, reconhecerem um ao outro como seres humanos, como iguais, antes de perceber - se como professor e aluno. Falar sobre o campeonato de futebol, sobre o último lançamento no circuito de cinemas, sobre o trânsito enfrentado para chegar à escola, qualquer assunto de interesse comum os torna parte de uma mesma cultura, os coloca num mesmo patamar de convivência, propiciando ao aluno a coragem de ousar na medida em que diminui o medo deste de errar.

Segundo Schmitz (2004) os professores, depois da família, assumem o papel importante na formação dos alunos, pois convivem a maior tempo com nossos filhos. É com eles que os alunos vão dividir sua afetividade, que deve acontecer de forma positiva.

A função do educador no contexto escolar é aproximar o educando do mundo do conhecimento e promover ações pedagógicas coerentes ao seu desenvolvimento integral, centradas em suas necessidades e interesses.

Com isso, Voli (2002) comenta que um bom educador, que possui a autoestima elevada, acredita em sua própria capacidade, valor e importância e tem a convicção de que pode fazer a diferença no meio educacional. Com seu ponto positivo, ele(a) é flexível, criativo, adquirindo capacidade de desfrutar as pequenas e grandes coisas da vida, agindo de forma otimista, aceitando os outros como são, porque se aceita como é.

Por isso, o educador deve saber que a sua imagem é projetada na comunidade educativa, “é percebida e integrada por seus alunos e se não estiver suficientemente maduro como indivíduo, a projeção terá um significado negativo ou neutro, o que não é desejável para a educação das novas gerações”. (VOLI, 2002, p.24.)

Certamente o papel do professor é decisivo na formação pessoal e profissional das novas gerações. Dependendo da forma como o educador chega ao educando, vai determinar o tipo de relacionamento entre ambos, que deveria estar sempre fundamentado em valores morais, éticos, em que se baseiam as condutas individuais, embasando o posicionamento do sujeito no mundo. O professor tem oportunidade de propor discussões, despertar questionamentos, formatar opiniões. Ele educa mais pelo que ele é, pelos princípios que norteiam sua conduta, pelo exemplo, do que pelo conteúdo que ensina.

A autoestima é uma reação afetiva, uma avaliação, uma estrutura cognitiva, uma crença em relação a quem você é. A maneira como o indivíduo é percebido desde o período gestacional, caracteriza a formação do seu autoconceito. Isto significa que a criança que foi tratada com amor incondicional e responsável, é um adulto que se percebe como tal e essas características refletem-se nas relações.

A forma como o professor se sente, influencia em vários aspectos de sua vida: no trabalho, em casa, na escola, nos relacionamentos, no amor, na

maternidade e paternidade. “Portanto, a autoestima positiva é a chave para o despertar da consciência, do êxito ou do fracasso”. (COUTINHO, 2009, p.1).

Por este motivo, desenvolver uma consciência saudável a respeito de si mesma é de grande importância para a própria vida e para as pessoas, pois a autoestima positiva torna a pessoa perspicaz, zelosa, benevolente, apta, generosa, saudável e valiosa perante a vida e aos semelhantes. (Ibidem, 2009)

Um outro fator que influencia de uma forma significativa, na autoestima, é o fator salarial e ainda a alta nos índices de reprovação e evasão escolar, tendo está última relação direta com a falta de investimento governamental nas escolas.

4.1 A autoestima no contexto escolar

Para Schmitz (2004), “Não é possível falar de Autoestima no contexto escolar, sem falar do processo ensino aprendizagem. O ensino fundamental é marcante na vida dos educandos, pois é nessa fase da vida que os mesmos vão se apropriando dos conhecimentos necessários para tornarem-se cidadãos autônomos e críticos. (SCHMITZ, 2004, p. 41)

Esta perspectiva apontada por Schmitz (2004) nos mostra que é fundamental investir em práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento integral do educando, respeitando suas diferenças e possibilidades no ato de aprender.

Antunes (2006), por sua vez, afirma que estudar a autoestima pode representar um melhor entendimento da relação de desenvolvimento pessoal com o ensino e com a aprendizagem, e compreender a representação cultural da escola para cada ser humano.

Para Mruck (1998, p.14), no entanto, conceituar a autoestima “nos permite investigar várias dimensões do ser humano”. Dimensões do biológico, psicológico e social, imprescindíveis de serem conhecidas para que também o ser humano, ao ser entendido, possa revelar sua totalidade.

Sabendo que aprendizagem é um processo intenso, contínuo, presente na vida do ser humano, que está num constante aprender, principalmente no decorrer da vida escolar, é fundamental desenvolver sua autoestima, para garantir sua formação e seu desenvolvimento.

A aprendizagem das crianças ocorre através dos vínculos pai mãe filho irmão, fazendo com que ela aprenda a viver através dos contatos que mantêm com os adultos.

Segundo Fernandez (1991):

Quando nasce, o bebê é um feixe de possibilidades, é ferramentas que são capazes de atrair, de captar o conhecimento que tem que ser transmitido e reconstruído nele. Sabemos que o homem é um ser histórico, que cada geração acumula conhecimento sobre a anterior e o humano vai se tornar humano porque aprende. A reprodução do ser humano não termina no suporte orgânico. No homem, os comportamentos não vêm inscritos geneticamente, mas só há possibilidade de adquiri-los. O modo de criar um filho, de comer, de falar, não se herda, se aprende. As constantes da espécie estão garantidas pela presença de estruturas gerais de elaboração cognitiva-semióticas, preparadas para possibilitar a integração do sujeito à cultura. (FERNANDEZ, 1991, p.51)

Além disso,

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal, seu desdobramento criativo, põe-se em jogo através da articulação inteligência-desejo e equilíbrio assimilação-acomodação. No humano, a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto para dar conta das fraturas no aprender, necessitam atender aos processos e não aos resultados ou rendimentos (FERNANDEZ, 1991, p.48).

Durante o processo de aprendizagem, para garantir seu desenvolvimento integral, é fundamental que a criança estabeleça vínculos com o educador e vice-versa.

A aprendizagem acontece através da interação de um sujeito com outro, o que tem mais conhecimento se torna o que ensina. Porém na educação e durante o processo de aprendizagem, nem sempre tudo ocorre do jeito que planejamos. Muitas vezes, a baixa autoestima leva o aluno a ter bloqueios a nível escolar, o que gera dificuldade de aprendizagem, sendo que os educadores e os especialistas na área de educação precisam proporcionar condições de os alunos superarem suas dificuldades.

Alguns educadores ensinam as crianças a esperarem a solução dos problemas, sem desenvolver a criticidade, comprometendo a ação de educar.

Desde cedo, nos ensinam que a virtude consiste não em honrar as necessidades, os desejos e as mais elevadas possibilidades do ser, mas em satisfazer as expectativas dos outros. O viver para os outros é interpretado com a essência da moralidade, e aqueles que o pregam estão mais interessados na obediência do que na autoestima (BRANDEN, 1999, p.131).

No papel de educadores precisamos estar atentos para garantirmos a autoestima dos alunos e jamais compactuarmos com a “obediência” no sentido tradicional, pois compreendemos o quanto é importante que nossos discentes tenham boa criticidade e boa autoestima.

As crianças que acreditam em suas capacidades individuais, em seu potencial têm mais possibilidades de vencer e superar com sucesso, os obstáculos que surgem durante sua vida escolar, profissional, afetiva, cognitiva e familiar. Portanto, cabe a cada um cuidar para jamais desqualificar o ser humano e proporcionar condições de desenvolver a noção de valor próprio, acreditar no seu potencial e incentivá-lo a usar mais a sua capacidade.

O estímulo cognitivo não é suficiente para desenvolver a criança como um todo. É necessário elevar sua autoestima para que tenha um bom autoconceito de si mesma, garantindo assim um bom desenvolvimento e conseqüentemente um bom desempenho escolar.

Um homem é aquilo que pensa. A autoestima negativa ou pensamento negativo, focalizando sempre os pontos fracos da pessoa, contribuem para a imagem de sua inferioridade. Esta, por sua vez, suscita emoções negativas como tristeza, raiva, frustrações, inveja, ciúme e medo. Todas estas emoções contêm elementos destrutivos que podem criar depressão mental. Internalizadas, a raiva e outras emoções contribuem para o excesso de utilização de neuro-hormônios do cérebro, como serotonina e a norodrenalina. Da depressão mental resulta a depressão física, que por sua vez, contribui para o desenvolvimento de moléstia como: dor de cabeça, úlceras estomacais, colite e outros relacionados com nossas emoções (DOUGLAS, 1994, p.11)

Na medida em que acreditamos no potencial de nossos alunos e na eficácia da nossa mente, a tendência é perseverar e aprender, enquanto que, quando duvidamos da nossa competência, da confiança em nós mesmos, a tendência é abandonar, desistir e fracassar. Portanto, a autoavaliação que fazemos a respeito de nós mesmos é um dos fatores determinantes para garantir ou não a aprendizagem.

A autoestima, quando não estimulada, pode inibir o comportamento criativo da criança. Portanto, cabe à família, à escola e principalmente aos professores oportunizarem alunos, além do conhecimento, o resgate de uma boa autoestima.

5. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa pretende apreender fatos e dados da realidade, utilizar um ou vários métodos combinados de observação, buscando entendê-la, explicá-la e também aplicá-la ou replicá-la em favor de outros eventos ou episódios semelhantes. Portanto neste trabalho tendo como finalidade identificar a autoestima dos Professores de Língua Portuguesa e sua relação com o aprendizado, optou-se por utilizar dois procedimentos de pesquisa: pesquisa bibliográfica e, também, a pesquisa de campo.

Na realização da pesquisa de campo, aplicamos o questionário junto a vinte (20) professores que atuam na área de Língua Portuguesa. A maioria deles integra várias escolas na rede pública de ensino, na esfera municipal. Porém, também incorporamos ao grupo professores da rede privada, para melhor entender a autoestima deles, o quanto o tipo de escola influencia.

Os professores entrevistados foram informados sobre a natureza do estudo, seus objetivos e a forma de interpretação dos dados. Assim, após concordarem com a divulgação das informações prestadas, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O resultado deste mapeamento subsidiou nossa base de análise acerca da importância da autoestima do professor de Língua Portuguesa.

5.1 Perfil dos Professores entrevistados

No que se refere a perspectiva geracional a idade dos professores variou entre 18 a 52 anos, ambos os sexos masculino e feminino, sendo todos professores da área de Língua Portuguesa que integram escolas públicas e particulares de ensino.

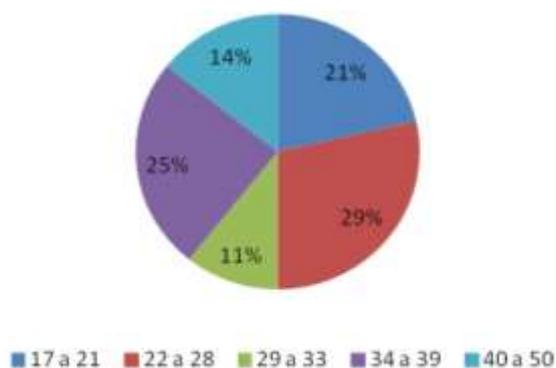
6. ANÁLISES E RESULTADOS

No decorrer desta pesquisa foi realizada a aplicação de questionário, que se dividia em três partes, a primeira consistia em identificar algumas informações sociais que descrevem unicamente o perfil dos participantes deste estudo, contendo 7 questões; a segunda parte tem por finalidade conhecer a auto estima desses participantes, compondo-se por 9 questões afirmativas com as quais poderiam concordar ou discordar; a terceira parte tinha por finalidade saber em que grau se encontram os traços de personalidade dos participantes, assim teriam que indicar em que medida concorda e discorda sobre as afirmativas a respeito da sua autoestima. Os questionários foram aplicados exclusivamente com Professores que atuam na área de Língua Portuguesa, para melhor compreender e chegar a uma conclusão sobre o tema estudado.

Pode-se observar todos os resultados nos gráficos que serão descritos abaixo: Foram entrevistados vinte (20) professores, a primeira parte da pesquisa composta por 7 questões.

Percebeu-se com a faixa etária entre 17 a 50 anos. No gráfico abaixo vemos que o perfil dos professores teve uma maior porcentagem entre os jovens de 22 a 28 anos somando 29%, seguidos dos de 34 a 39 anos com 25%, para saber o quanto a idade e influenciadora sobre a autoestima do professores, e é notável que os professores mais jovens possuem uma autoestima mais elevada.

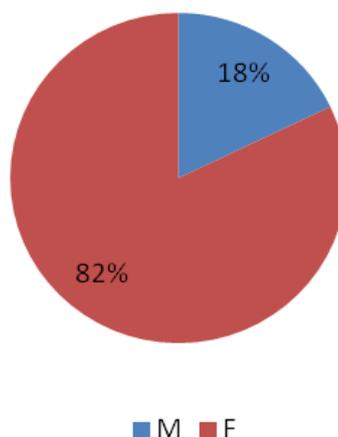
Gráfico 1: Idade dos professores entrevistados



Fonte: Entrevista com os Professores, Mai. 2015

No gráfico abaixo, observamos que a maioria dos entrevistados são mulheres, somando 82% . É importante saber se o sexo é ou não influenciador na autoestima.

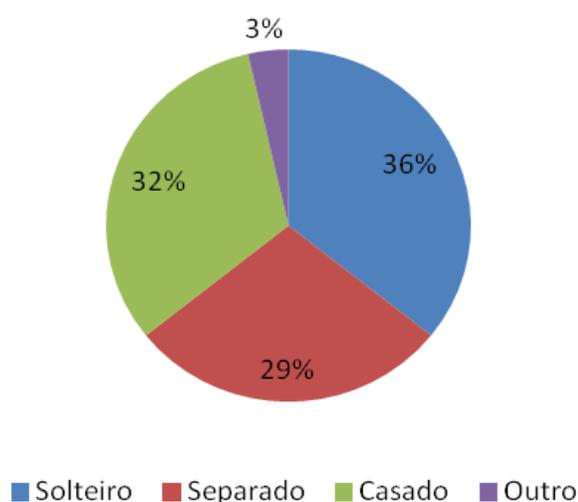
Gráfico 2: Identificação dos professores quanto ao gênero



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

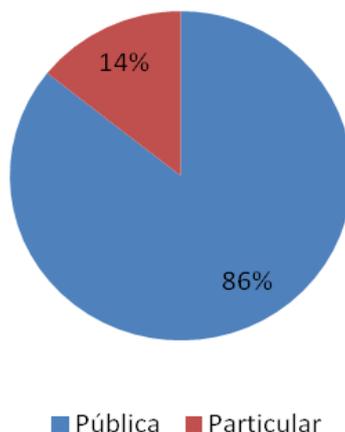
Os resultados obtidos no gráfico 3, mostra que ao serem questionados sobre seu estado civil, verificou-se que 36% são jovens solteiros, seguidos dos 32% de jovens casados, vemos que os solteiros são mais seguros de si, quanto a sua autoestima.

Gráfico 3: Classificação dos professores quanto ao estado civil



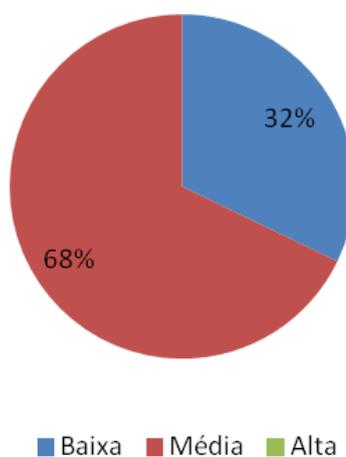
Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

No gráfico 4 foram indagados sobre em que tipo de escola estudaram, na constatação de que 86% são do ensino público e possuem uma baixa autoestima, se comparado com os professores do ensino privado.

Gráfico 4: Escola em que os professores estudaram

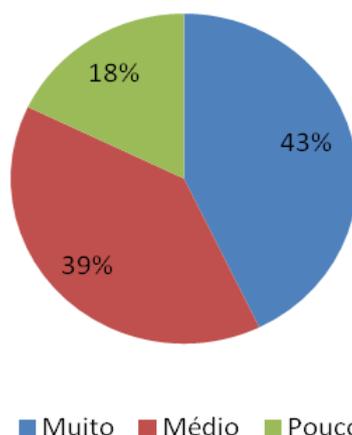
Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

O gráfico 5 mostra o resultado referente a classe social de cada entrevistado. No conjunto das respostas, percebe-se que 68% são da classe média, 32% da classe baixa, sendo que nenhum dos entrevistados são da classe alta. É importante ver que o professores são maioria de classe média e vivem bem com sua autoestima.

Gráfico 5: Indicação dos professores quanto a Classe Social

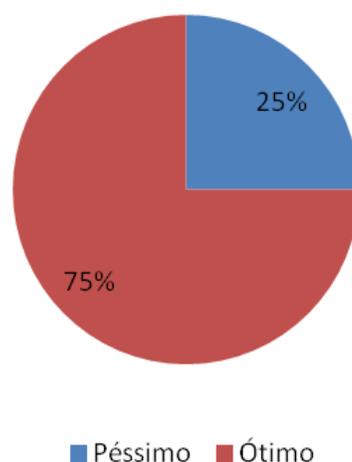
Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

Neste gráfico, foi perguntado em que medida você se acha religioso, e o mesmo está representado por uma maioria de 43% que se consideram muito religiosos, enquanto 39% afirmaram que são pouco religiosos, e 18% nada religioso.

Gráfico 6: Identificação quanto a Religiosidade

Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

O gráfico 7 interroga em que medida os entrevistados se consideram bons estudantes. A maioria de 75% se considera ótimo estudante e 25% se consideram pouco estudiosos. É necessário que esses professores despertem-se um pouco mais para o hábito de estudar, por serem espelho para seus alunos.

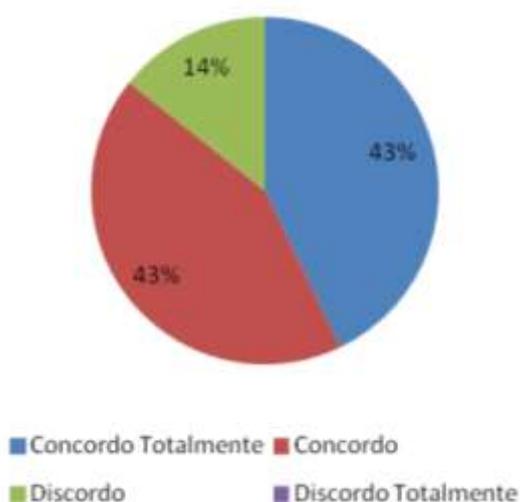
Gráfico 7: Avaliação dos professores quanto ao seu perfil de estudantes

Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

Em seguida, você encontrará algumas afirmações feitas pelos entrevistados, levando em conta a auto estima de cada um deles, com as quais puderam concordar ou discordar de acordo com o que eles realmente sentem.

Na primeira afirmativa, foi questionado: Se eles sentem tano valor quanto os outros, e observa-se que 43% tem a sua autoestima elevada, 14% discordaram pois se acham inferior quanto a outras pessoas.

Gráfico 8: Percepção dos professores quanto a sua valorização.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015.

No gráfico abaixo, perguntamos sobre o que o Professor sente a respeito das suas qualidades, e observou-se que todos possuem sentimentos positivos a respeito de suas qualidades, sendo que 66% concordaram com mais certeza do que os outros 36%.

Gráfico 9: Sentimento de valorização em relação aos outros.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

Quando questionamos sobre seus fracassos, pode-se perceber que 71% possui uma autoestima considerável, pois discordam totalmente que sejam fracassados, 29% discordam, mas não com a mesma certeza.

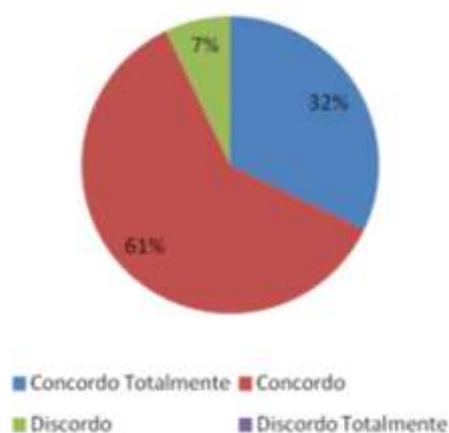
Gráfico 10: Relação entre auto estima e fracasso.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

No gráfico 11, 61% dos entrevistados consideram-se capazes de fazer coisas tão bem quanto aos outras pessoas, ou seja, eles acreditam no potencial que possuem, 32% sentem-se tão capazes quanto a maioria das pessoas, e 7% sente que não são tão capazes quanto as pessoas acreditam que eles sejam.

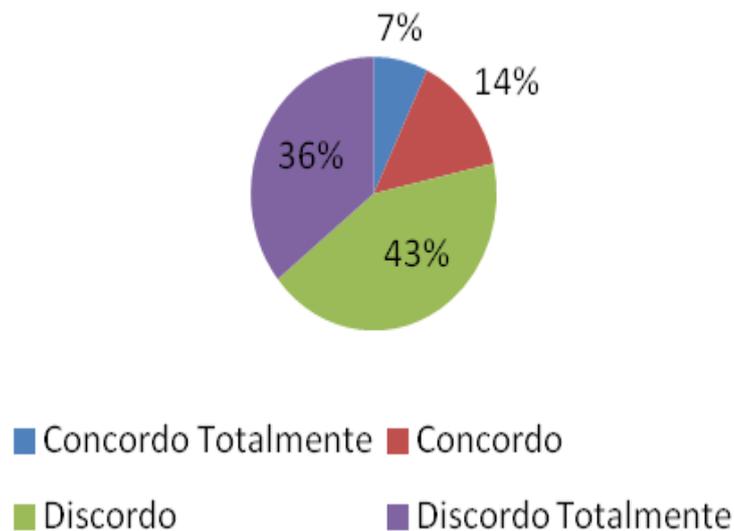
Gráfico 11: Potencial dos professores em relação aos outros.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

O gráfico 12 representado abaixo, diz que 43% dos entrevistados discordam quanto a não terem motivos para se orgulharem, pois eles se acham capazes de fazer tudo aquilo que lhes é incumbido, 36% discordam totalmente da afirmativa, e apenas 14% sentem-se pra baixo por acreditarem que não tem motivos para sentir orgulho de si.

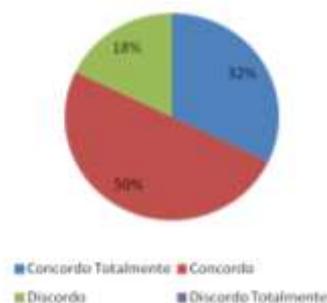
Gráfico 12: Professores que têm orgulho de si mesmo.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

Este gráfico é representado por uma maioria de 50% que estão satisfeitos consigo mesmo, 32% tem uma certeza absoluta sobre a afirmativa, e 18% discordam pois não sentem-se seguros sobre si.

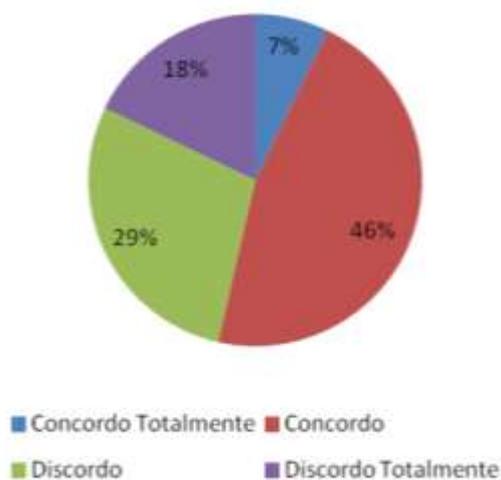
Gráfico 13: Satisfação sobre si mesmo.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

Os resultados obtidos no gráfico 14, mostram que 46% concordam em que gostariam de ter mais respeito por si mesmo, e 29% discordam, pois já se respeitam e se valorizam enquanto pessoa e profissional.

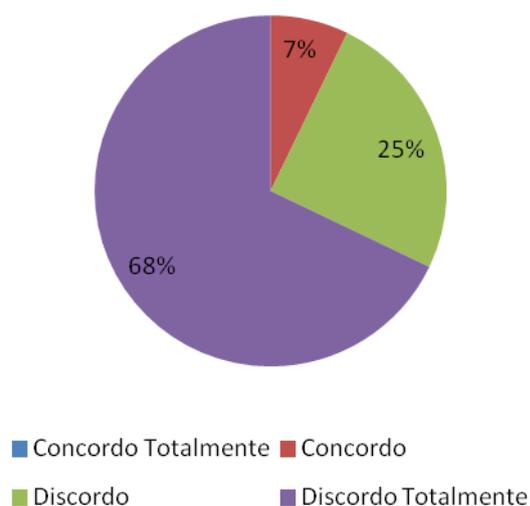
Gráfico 14: Respeito sobre si mesmo.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

Na questão às vezes me sinto inútil, o gráfico 15 revela que 68% discordam totalmente da afirmativa, e enquanto 25% discordam sobre ela e, apenas 7% concordam com a mesma.

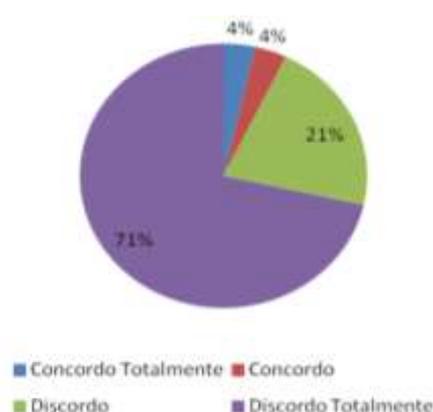
Gráfico 15: Sentimento de utilidade



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

O gráfico 16 faz uma afirmação que determina um dos pontos para se conhecer como está a autoestima das pessoas, ele mostra que 71 dos Professores entrevistados discordam totalmente que não prestem pra nada, pois o pontecial deles vai muito além do que podemos ver, e 4% ainda acreditam nessa afirmação sobre si, o que pode levar consideravelmente a uma baixa autoestima.

Gráfico 16: Às vezes acho que não presto para nada.



Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

A partir de agora nesta terceira e última etapa da pesquisa, você encontrará informações a respeito dos traços de personalidade dos Professores entrevistados, foram colocados alguns conjuntos de palavras em que eles teriam que avaliar a medida que o traço se aplicavam a eles, mesmo que alguns se aplicassem mais fortemente que outros, assim eles marcaram indicando um número referente a cada afirmação, e ao coletar os dados obtivemos o seguinte resultado no quadro abaixo:

QUADRO 1: Eu me vejo como alguém...

Eu me vejo como alguém...	Discordo Fortemente	Discordo Moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo, nem discordo	Concordo um pouco	Concordo Moderadamente	Concordo Fortemente
Extrovertido, entusiasta.	1	-	1	-	11	6	8
Crítico, briguento.	14	4	2	1	1	3	3
Confiável, auto-disciplinado.	1	-	-	1	12	5	9
Ansioso, que se chateia facilmente.	4	3	1	-	6	4	10
Aberto a novas experiências, complexo.	2	1	-	4	6	6	10
Reservado, quieto.	6	2	2	4	7	1	6
Simpático, acolhedor.				2	5	7	14
Desorganizado, descuidado.	14	8	1	1	3	1	-
Calmo, emocionalmente estável.	1	2	4	6	3	8	4
Convencional, sem criatividade.	12	7	6	-	3	-	-

Fonte: Entrevista com os professores, Mai. 2015

CONDIDERAÇÕES FINAIS

Uma boa autoestima é requisito essencial para uma vida tranquila, feliz, pois caso contrário, afetará crucialmente todos os aspectos da nossa existência.

Nossas reações aos acontecimentos cotidianos são determinadas pelo que pensamos que somos. Para que a baixa autoestima não tome conta de nós, precisamos nos sentir valorizados e respeitados, em primeiro lugar por nós mesmos. É daí que nasce a confiança em nossa capacidade de ser e agir diante das outras pessoas e do mundo.

A confiança em nós depende da imagem que fazemos de nós mesmos e está intimamente ligada à nossa autoestima. Muitos autores afirmam que a autoestima e o autoconceito influencia no desempenho escolar desde as primeiras séries do ensino fundamental até a universidade.

O autoconceito nasce da percepção que o aluno tem das suas habilidades. O fato de se considerar bom ou ruim pode influenciar o processo Ensino-Aprendizagem de forma positiva ou negativa.

Os pais e educadores auxiliam e contribuem no desenvolvimento do autoconceito, quando possibilitam um ambiente de amor e afeto, diálogo e limite. Também é importante demonstrar interesse pelas atividades das crianças, respeitando-as como são, ou seja, suas diferenças individuais.

A autonomia e a autoestima são atributos da pessoa que acredita na própria vida, na capacidade de se conduzir, fazer opções e buscar a realização de seus desejos.

A autoestima do educador precisa ser estimulada principalmente pela direção para que consiga acompanhar melhor seus alunos. Trabalhar com autoestima na escola, além de cumprir com o papel de educador, garante saúde emocional, uma vez que, quando o professor está bem consigo mesmo, consegue contribuir para o desenvolvimento da autoestima dos alunos.

Os professores que têm uma boa autoestima relacionam-se bem com seus alunos, enquanto os que têm baixa-estima não conseguem se relacionar afetivamente com seus alunos.

O ensino exige do docente compromisso existencial, do qual nasce autêntica

solidariedade entre educador e educando. Na infância, o ambiente escolar também poderá prejudicar a autoestima da criança se houver medo do professor, medo de provas e dos colegas.

É preciso desenvolver um sistema de educação que ajude no desenvolvimento integral do ser humano, que cumpra com sua função de ensinar e transmitir conhecimento.

A escola busca desenvolver e formar cidadãos autônomos e críticos, construindo uma sociedade com mais igualdade e justiça, pois acreditamos que através da educação é que conseguiremos formar cidadãos responsáveis pela construção de sua própria história.

A autoestima se constrói com amor, respeito, valorização, autonomia, disciplina e elogios sinceros, acima de tudo, para que o ser humano aprenda a se dar valor, pois a mesma surge a partir do momento em que o ser humano confia na sua própria capacidade de pensar, aprender e compreender.

O importante é não esquecermos que cada um, com o seu jeito próprio de ser e de acreditar pode dar um novo sentido e significado para este caminhar e para o ato de educar. Ou seja, cada educador/a e educando/a pode tornar este aprender e ensinar, dentro e fora do contexto escolar, muito diferente do que aí está. Vale a pena ter olhos para as coisas do cotidiano que nos incomodam, inquietam e causam desassossego. Pode ser valioso e construtivo tentar desvendar e compreender os motivos destas inquietudes e, quem sabe, descobrir o seu modo individualmente e coletivamente de propor mudanças. Quem sabe um olhar de indagador e pesquisador desta realidade, possa contribuir para que a escola deixe de ser uma escola indesejada e passe a se constituir numa escola atravessada pelas tramas do desejo.

Os caminhos percorridos por cada um podem traduzir parte do contorno do Ser Professor/a, por isso a relevância de retomarmos constantemente as nossas memórias e trajetórias e percebermos que as mesmas geralmente vêm marcadas por uma multiplicidade de jeitos de ser e estimar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: ParábolaEditorial, 2003.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto-estima e seus seis pilares**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1996. Coleção Leitura.

_____. **Poder da auto-estima**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CAPELAS, Heloísa. **O mapa da felicidade**. Ed. Gente. São Paulo, 2014.

COOPERSMITH, S. (1967). **The antecedents of self-esteem**. San Francisco: Freeman.

COUTINHO, G, **Auto-estima**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vyaestelar/holismo_ htm> 2009. Acesso em: 20/10/2015

DOUGLAS, Mack R. **Como vencer com a auto-estima**. São Paulo: Record, 1994.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FURTADO. Júlio. **A autoestima do professor: combustível para ensinar e aprender**. 2010. Disponível em: <www.juliofurtado.com.br> Acesso em: 30 de novembro de 2015.

GALLEGO, Neiva Fátima Cappellesso. **Autoestima & Adolescência**. 30 de Outubro de 2012. Disponível em: <<https://prezi.com/jzpdnd0hp9um7/auto-estima-adolescencia/>> Acesso em: 19/03/2015.

GOBITTA, M. AND GUZZO, R. S. L. (2002) **Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A. Psicologia Reflexão Crítica**, vol.15, no.1

GOÑI, E.; FERNÁNDEZ, A. El autoconcepto. In: GRANDMONTAGNE, A. G. (Coord.). **El autoconcepto físico**. Madrid: Ediciones Pirámide, 2009.

JOSÉ, Fernando Elias. **Autoestima**. Super Interessante/ Especial Emoção. 28 de Novembro de 2008. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/psicologiadovestibular/2008/11/28/auto-estima/>> Acesso em: 19/05/2015.

MAIA, Enrique. **Mas, o que é autoestima?** Publicado em: 07 de Abril de 2005. Disponível em: < <http://www.inpaonline.com.br/auto-estima/>> Acesso em: 25/03/2015.

MAINARD, S. M, **O que é Auto-Estima.** Disponível em: <<http://www.ilv.com.br/noticias/2004/11novembro/portal/autoestima/oquee.html>> <<http://guiadesaude.blogspot.com/2008/07/o-que-auto-estima.html>>. Acesso em 26/04/2015.

MOSQUERA, J. J. M. **Vida adulta: personalidade e desenvolvimento.** 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

_____, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **Auto-imagem, auto-estima e auto-realização na universidade.** In: ENRICONE, D. (Org.). A docência na educação superior: sete olhares. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____, J. J. M.; STOBÄUS, C. D.; JESUS, S. N.; HERMÍNIO, C. I. Universidade: **auto-imagem, auto-estima e auto-realização.** UNl revista, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-13, abr. 2006.

Mruck, C. **Auto-estima: Investigación, teoría y práctica . Bilbao: Desclée de Brouwer.** 1998

PORTO, Lucimara; CASTELO, Rosa Cristina de Arruda. **Os fatores que contribuem para a autoestima nos docentes.** 2009.

Rosenberg, M. **La auto-estima del adolescente y la sociedad.** Buenos Aires: Paidós. 1983

SCHMITZ, Maria Bernadete May. **A importância da auto-estima no contexto familiar, social e escolar.** Criciúma, 2004.

SIMKA, S. **Autoestima do professor.** Disponível em: <<http://revistaensinosuperior.uol.com.br/textos.asp?codigo=10962>> Acesso em: 07/05/2015.

VOLI, Franco. **A auto-estima do professor.** São Paulo: Loyola, 2002.

ZACHARIAS, J. **Bem-estar docente: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ZANELLI, Luana. **A diferença entre autoestima, autoimagem e autoconceito.** Psicóloga, coach e grafóloga. Disponível em: <<http://www.revistadenude.com.br/?p=47205>> Acesso em: 19/03/2015.

Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNlrev_Mosquera_et_al.pdf>. Acesso em: 25 de Março de 2016.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS-PORTUGUÊS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado (a) Professor (a),

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) em Letras-Português tem por objetivo analisar as atitudes sociais dos estudantes de letras-Português como aspectos para boa prática docente. Conhecer os aspectos psicológicos envolvidos na sala de aula pode ser relevante para uma melhor atuação da escola, assim como para um melhor desenvolvimento do aluno. Este estudo se insere num programa de pesquisa que visa conhecer estas características psicológicas dos alunos.

Solicitamos a sua colaboração para responder a este questionário, como também a autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicação em revista científica. A sua identificação não é necessária. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a sua saúde ou integridade.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o professor não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

O pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Obrigada pela sua participação

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará algumas afirmações com as quais poderá concordar ou discordar. Usando a escala de resposta abaixo gostaríamos que respondesse levando em conta sua autoestima.

1	2	3	4
Concordo totalmente	Concordo	Discordo	Discordo totalmente

1. ___ Eu sinto que tenho tanto valor quanto os outros.
2. ___ Eu sinto que tenho muitas qualidades positivas.
3. ___ Em geral eu me sinto quase um fracasso.
4. ___ Eu sinto que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.
5. ___ Às vezes sinto que não tenho muitos motivos para ter orgulho de mim mesmo.
6. ___ Em geral, estou satisfeito comigo mesmo.
7. ___ Gostaria de ter mais respeito por mim mesmo.
8. ___ Às vezes me sinto inútil.
9. ___ Às vezes acho que não presto para nada.

INSTRUÇÕES. Agora você encontrará traços de personalidade que pode dizer respeito a você em algum grau. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em quem medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

Eu me vejo como alguém...

1. ___ Extrovertido, entusiasta.
2. ___ Crítico, briguento.
3. ___ Confiável, auto-disciplinado.
4. ___ Ansioso, que se chateia facilmente.
5. ___ Aberto a novas experiências, complexo.
6. ___ Reservado, quieto.
7. ___ Simpático, acolhedor.
8. ___ Desorganizado, descuidado.
9. ___ Calmo, emocionalmente estável.
10. ___ Convencional, sem criatividade.

